

Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA



Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA



Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



Organização



Apoio



42º COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE (2022)

PRESIDÊNCIA DE HONRA (*in memoriam*) – Walter Zanini

DIRETORIA DO CBHA (2023-2025)

Presidente - Vera Maria Pugliese de Castro (UnB/CBHA)
Vice-presidente - Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)
Secretário - Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)
Tesoureira - Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)

DIRETORIA DO CBHA (2020 - 2022)

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)
Vice-Presidente - Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL/CBHA)
Secretária - Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)
Tesoureiro - Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)
Angela Brandão (UNIFESP/CBHA)
Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)
Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)
Fernanda Pequeno (UERJ/CBHA)
Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)
Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)
Sheila Cabo Geraldo (UERJ/CBHA)

COMITÊ CIENTÍFICO DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022

Elisa Souza Martinez (UnB/CBHA)
Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/CBHA)
Maria Inez Turazzi (IBRAM/CBHA)
Paulo Knauss de Mendonça (UFF/CBHA)
Rita Lages (UFMG/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DO PRÊMIO CBHA DE TESES/ 2022

Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)
Dária Jaremtchuk (USP/CBHA)
Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP/CBHA)
Paula Ramos (UFRGS/CBHA)
Vera Beatriz Siqueira (UERJ/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DOS ANAIS DO 42º COLÓQUIO DO CBHA

Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)
Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)
Fernanda Pequeno da Silva (UERJ/CBHA)
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

IMAGEM: Aline Motta, (*Outros Fundamentos*, 2017-2019).

DIAGRAMAÇÃO: Thaís Franco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (42: 2022)

Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte - Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA, Rio de Janeiro, 7-12 nov. 2022. (Organizadores: Vera Marisa Pugliese de Castro, Eduardo Ferreira Veras, Ivair Junior Reinaldim, Daniela Pinheiro Machado Kern, Fernanda Pequeno da Silva e Rogéria Moreira de Ipanema. Porto Alegre: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2023 [2022].

Vários autores

1367 p. 21x29,7 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.42>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 42º do Colóquio do CBHA.

CDD: 709.81

Os textos dos artigos e as imagens reproduzidas nesta publicação são de responsabilidade dos respectivos autores.

Comitê Brasileiro de História da Arte (filiação ao *Comité Internationale de Histoire de l'Art*).

<http://www.cbha.art.br/index.html>

e-mail:cbha.secretaria@gmail.com

Arte contemporânea brasileira e abstração geométrica: Carlos Fajardo e Estela Sokol

Luis Sandes, Universidade de São Paulo, University of the Arts London/
<https://orcid.org/0000-0003-1762-1412>
luis.sandes@gmail.com

Resumo

A obra de Carlos Fajardo e de Estela Sokol dialoga com, entre outras correntes, a abstração geométrica. O objetivo deste artigo é comparar e contrastar uma seleção de obras dos artistas contemporâneos brasileiros Carlos Fajardo e Estela Sokol. O método é a análise de obras amparada em pesquisa bibliográfica e arquivística. As fontes são as obras de arte e textos de crítica ou historiografia da arte. A análise de obras de ambos os artistas é seguida de duas discussões, uma que aponta as proximidades e outra que aponta os distanciamentos. As considerações finais apontam para a pertinência de aproximar os dois artistas à abstração geométrica para seu estudo.

Palavras-chave: Arte contemporânea. Arte brasileira. Abstração geométrica. Instalação. Escultura.

Abstract

Carlos Fajardo and Estela Sokol's oeuvres deal with geometric abstraction trend, among others. The objective of this paper is to compare and contrast a selection of works of Carlos Fajardo and Estela Sokol, both Brazilian contemporary artists. The method is the analysis of artworks with the support of bibliographic and archival research. The sources are the artworks and critics and art historian texts. The analysis of works of both artists is followed by two discussions. The first points to the aspects that bind the artists and the other to the aspects in which they differ. The final considerations point to the pertinence of approximating these artists to the geometric abstraction for their study.

Keywords: Contemporary art. Brazilian art. Geometric abstraction. Installation. Sculpture.

Introdução

Carlos Fajardo e Estela Sokol são artistas contemporâneos brasileiros cujas obras dialogam com a tendência da abstração geométrica, além de outras, estas já muito apontadas. O objetivo deste trabalho é comparar e contrastar esses artistas, que, ao se relacionarem à abstração geométrica, têm alguns pontos de contato entre si no uso de formas geométricas e materiais, assim como têm em comum certas questões, tal como o próprio uso de materiais ou a falta de narratividade das obras. Serão, inclusive, discutidos os pontos em que as poéticas de ambos se distanciam. Também serão discutidas as relações que ambos os artistas estabelecem com diversas correntes artísticas — para citar apenas duas, minimalismo e arte pop.

Este artigo é decorrente da pesquisa de doutoramento do autor, em que se discute como sete artistas contemporâneos brasileiros lidam com o legado da abstração geométrica em suas respectivas poéticas. A proposta é fazer uma leitura nova da produção desses artistas, que vá além das habituais ligações desses artistas com o minimalismo e o pós-conceitualismo, por exemplo. Os artistas são Carlos Fajardo, Estela Sokol, Artur Lescher, Ana Maria Tavares, Marcius Galan, Cinthia Marcelle e Roberto Wagner. A pesquisa tem orientação do professor doutor Agnaldo Farias e está sediada no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

A abstração geométrica não aparece como revival na obra desse conjunto de artistas. Para Vallier (1986), a abstração geométrica é fenômeno de múltiplas correntes, o que é evidenciado no caso desses sete artistas pelo fato de eles se ligarem a diversas tendências e linguagens, não exclusivamente à abstração geométrica. Tomem-se os exemplos de Fajardo e de Sokol, que, pela redução de elementos e pela ausência de significados, têm suas obras frequentemente aproximadas ao minimalismo, ainda que também possam ser lidos por meio de suas relações com a abstração geométrica, proposta da pesquisa de doutorado e deste artigo. Nesse sentido, é importante apresentar sumariamente esses dois artistas, para situar a discussão apresentada neste texto.

Carlos Fajardo é artista com trajetória longeva que expõe individual e coletivamente desde os anos 1960. Inicia-se em arte principalmente com desenho e pintura. Nas últimas décadas, trabalha principalmente com os suportes de escultura e instalação. Sua produção parte de ideias para, então, a escolha de materiais; dessa forma, o artista trabalha com grande gama de materiais, sem rol definido a princípio. Nesse sentido, destaca-se instalação sua de 2001 no Sesc Belenzinho, em que criou artisticamente o céu no chão (cf. análise dessa obra em SANDES, 2022). No geral, a execução das obras

não é feita diretamente pelo artista — ele frequentemente delega a feitura de obras a especialistas. Outro aspecto relevante é que suas obras não têm título, excetuando-se as iniciais, até meados dos anos 1960. Isso tem importância porque denota que as obras têm sua completude quando em relação entre si, para além da relação com o espaço arquitetônico e com o espectador.

Estela Sokol teve sua primeira coletiva em 2002 e sua primeira individual no ano seguinte, no Centro Cultural São Paulo, na capital paulista. Está presente em diversas coleções de arte, sejam privadas ou públicas. Recebeu prêmios no Brasil e na França. Trabalha com suportes diversos: telas, instalações, esculturas e fotografias, estas como registro de obras efêmeras — tal qual algumas trabalhadas abaixo. Trabalha por meio da manipulação da cor, dos materiais e da luz, expandindo a cor e a energia. Para Naves (2012), ela se recusa a pintar; em lugar disso, cobre as superfícies de suas obras com materiais industriais tais como folhas de PVC e lâminas de acrílico. Para Braga (2011), a artista está na esteira de movimentos artísticos brasileiros como o concretismo e o neoconcretismo. Isso não a impede de realizar inovação em termos de paleta de cores, já que trabalha com cores vivas, até mesmo neon. Talvez de uma maneira ainda mais aguda que a vanguarda do concretismo, ela se vale de processos industriais, em especial na elaboração de materiais que tenham as características (maleabilidade/rigidez, em especial) necessárias para a execução das obras, para além das cores desejadas. O que mais a interessa é a experiência da cor (NAVES, 2013). Sua obra trata da cor-luz e isso pode alterar a percepção de mundo do espectador que a conhece (BRAGA, 2011).

Quanto a método, este artigo faz análise de obras amparando-se em pesquisa bibliográfica e arquivística. As fontes de pesquisa se dividem em dois. Em um lado, estão as obras de arte, que são telas, fotografias, esculturas ou instalações. As de Fajardo são os blocos de carbono prensado sem título presentes na coleção do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP) (1988) e o conjunto de obras sem título que foi exposto na mostra De soslaio (Galeria Marcelo Guarnieri, São Paulo, 2020), totalizando 12 peças. Essa foi a primeira mostra do artista em sua nova galeria e foi curada por Henrique Xavier. É importante tomar para análise todas as obras dessa exposição, pois a poética do artista não leva à nomeação das obras, nem a uma maior individualidade de cada peça. As de Sokol são aquelas presentes na exposição Secret forest (Gallery 32, Londres, Inglaterra, 2011¹), que se compôs das séries Secret forest, O que fazer com uma bexiga, Making of or not e Polarlicht. O que foi exposto nessa mostra foram os registros fotográficos de obras efêmeras que a artista realizou, sendo esses registros os analisados aqui.

1 A Gallery 32 era um espaço de exposições mantido pela embaixada brasileira em Londres que ficava no bairro de Mayfair. Essa foi a primeira mostra da artista no exterior.

De outro lado, estão os textos de críticos de arte ou historiadores da arte sobre essas obras e sobre esses artistas, tais como os de Agnaldo Farias, Sonia Salzstein, Katia Canton, Luis Sandes, Rodrigo Naves, Paula Braga, Daniela Name e Cauê Alves.

O texto se estrutura da seguinte forma. Após esta introdução, analisam-se as obras de Carlos Fajardo e Estela Sokol, nessa sequência. Depois, discutem-se os pontos de contato entre as obras desses artistas. Após, os aspectos em que elas se distanciam. Por fim, apresentam-se as considerações finais, em que se pontua a possibilidade do estudo desses artistas pelo viés da abstração geométrica.

Análise de obras

A escultura de Fajardo presente na coleção do MAC-USP é de 1988 e é composta de quatro blocos paralelepipedais de carbono prensado amarrados com cabo de aço (Figura 1). Conta com blocos de substituição na reserva técnica do museu, o que evidencia tanto sua fragilidade (um dos blocos chegou quebrado no museu quando da sua doação, em 1989) como sua substitutibilidade. Isto é, não há aura na obra, ela eventualmente quebrará e é facilmente substituível, sem que isso imponha qualquer perda em termos artísticos. Além disso, não há significado nessa peça: ela não quer dizer nada, apenas propõe uma interação do espectador com o impacto causado por esses materiais industriais num espaço museal, falando diretamente com ele. Nisso de apresentar uma obra que apenas se apresenta sem nada representar relaciona esse artista à vanguarda do concretismo paulista dos anos 1950. Para esses vanguardistas, tais como Luiz Sacilotto e Judith Lauand, o objetivo era representar artisticamente ideias, não figuras do mundo circundante.



Figura 1.

Blocos de carbono prensado e cabos de aço.

Acervo: MAC-USP.

Fonte: MAC-USP.

Crédito da imagem: MAC-USP.

A exposição De soslaio uniu doze obras de Fajardo, produzidas entre 2017 e 2020, sendo que algumas delas foram realizadas para essa ocasião (Figura 2). Pode-se afirmar que essas obras existem apenas em relação entre si, não sendo casual que elas não tenham título. Elas se completam quando juntas. Muitas delas são placas de vidro translúcido, sem cor ou em cores como laranja, amarelo e azul — e verde, como resultado da união destas duas últimas. A interação entre o espectador e essas obras em vidro, isto é, as diferentes posições do espectador face a essas placas, leva a alterações naquilo que ele percebe. Esses anteparos translúcidos servem, de certa forma, de lentes para o público — o indivíduo se vê, vê aos outros e o ambiente de forma diferente. Para Sandes (2021), são as transparências que facilitam que o olhar do espectador alcance outras obras, mesmo distantes, na sala expositiva. O título dessa exibição “[...] alude ao desvio do olhar. Potenciais desvios acompanham o espectador em seu percurso pela mostra, rodeado por um material como o vidro, tão frágil e ao mesmo tempo tão forte em sua constituição [...]” (XAVIER, 2020, s.p.). Como se nota, esses trabalhos têm como lócus suas superfícies. Isso se dá, segundo Goldberg (1987), Farias (1993) e Salzstein (1997) em diversos outros trabalhos do artista, pois é uma poética que diz mais respeito à retina do que ao significado.



Figura 2.

Carlos Fajardo, Vista da exposição De soslaio (Galeria Marcelo Guarnieri, São Paulo, curadoria Henrique Xavier), 2020.

Fonte: Galeria Marcelo Guarnieri.

Crédito da imagem: Galeria Marcelo Guarnieri.

As obras analisadas de Estela Sokol advêm da exposição Secret forest (Gallery 32, Londres, Inglaterra, 2011), que apresentou as séries Secret forest (veja uma das obras em Figura 3), Making of or not, O que fazer com uma bexiga e Polarlicht.



Figura 3. Estela Sokol, Secret forest (series), 2011.
Impressão fotográfica sobre papel de algodão. 110 x 165 cm.
Fonte: Zipper Galeria.

Essas séries são compostas de fotografias de obras site-specific que a artista realizou durante 40 dias de residência artística de que participou na Áustria. Isto é, são bexigas, placas de acrílico, látex, faixas de PVC, entre outros, que são posicionados de várias formas na neve ou na vegetação ali presente e fotografados. A obra na neve era desfeita após os registros fotográficos, sendo apenas eles que circulam no meio artístico.

Numa das fotos de Polarlicht, uma faixa de PVC alaranjada está serpenteada parcialmente enterrada na neve (Figura 4). Ao fundo, que ocupa um quinto da foto, veem-se céu limpo e montanha rochosa. É impossível saber, pela foto, se a tira é muito ou pouco comprida. A tira alaranjada derrama sua cor na branca neve, imprimindo-lhe uma cor que ela não poderia ter se não fosse o gesto da artista. Para Name (2011),

Sokol “[perturba], no melhor dos sentidos,” o gelo. São as características específicas, e industriais, do material que permitem que ele tinja o espaço circundante.



Figura 4. Estela Sokol, Polarlicht (series), 2011. Impressão fotográfica sobre acrílica. 30 x 20 cm. Fonte: Zipper Galeria.

Pontos de contato

Existem diversos pontos de contato entre Carlos Fajardo e Estela Sokol, considerando-se as obras acima analisadas. Há, primeiro, uma relação evidente de ambos com o minimalismo, pela redução de elementos, e com o construtivismo, pela forma de se compor as obras, que não é, em ambos os artistas, pela subtração ou adição de massa, mas sim pela construção por meio de adição de suas partes.

As formas geométricas que surgem nos dois são um dos traços significativos relativos à presença da abstração geométrica em suas poéticas. Essa presença não se dá por meio de mera inserção de estilemas abstrato-geométricos ou de repetição impensada. Antes, ela se dá por meio de atualização, recontextualização e ressignificação, o que significa

Os materiais utilizados pelos dois artistas nas obras analisadas são todos advindos da indústria: placas de vidro, bexigas, faixas de PVC, placas de acrílico, blocos de carbono, entre outros, além de suas pigmentações serem tipicamente industriais. Não há, nesse sentido, a chamada mão do artista nas obras. Em outras palavras, não existe rastro ou vestígio de que os artistas tenham executado as obras manual ou diretamente². De outro modo, os artistas se valem de materiais industriais para dar forma a suas ideias artísticas³. Ademais, todos os materiais empregados podem ser lidos como pobres, já que se afastam do conjunto de materiais nobres antes — possivelmente ainda — vigente (mármore, certos pigmentos, etc.).

Essas obras de arte não são resultado de momentos de inspiração de seus criadores. Elas surgem como consequência de linhas de pesquisa deles, sem depender de inspiração. Segundo Sokol, os problemas surgem e são resolvidos no fazer (BRAGA, 2011).

Não há, em nenhum desses trabalhos, uma tentativa de narrar algo ou retratar algo ou alguém⁴. Essas obras se completam por si próprias, sem almejar contar histórias ou referir a elementos do mundo circundante. Na verdade, elas escapam disso.

Por fim, não há brasilidade nesses trabalhos, entendendo-se por isso signos ou significados que remetam a aspectos socialmente relacionados a o que é o Brasil — certos gêneros musicais, a cultura visual, conceitos tais como antropofagia e alienação, mazelas brasileiras, além de outros. Com isso não se quer dizer que esses artistas produzam arte desligados do Brasil, mas sim que o Brasil e suas questões não estão em seu cerne de preocupações na arte.

Distanciamentos

Existem alguns momentos nessas obras analisadas em que as poéticas dos dois artistas se distanciam, notadamente quanto a materiais, relação obra e arquitetura ou ambiente, cores e suportes.

Apesar das aproximações no tocante aos materiais que foram apontadas acima, existem distanciamentos, em especial no que diz respeito à execução. De modo geral, Fajardo faz seus projetos, escolhe o fabricante e os manda para execução. É razoável

2 Diferentemente do artista que realiza suas obras diretamente, Canton (2001) definiu Fajardo como um pensador que se põe a questionar a arte e os materiais.

3 Alves (2005) afirma que os materiais industriais trabalhados por Sokol apresentam uma falta de ligação com a natureza. Além disso, também se nota neles “algo da facilidade da vida contemporânea, em que quase tudo se submete à técnica ou está ao alcance da mão” (ALVES, 2005, s.p.).

4 Sobre exposição de Sokol intitulada *Gelatina* (Galeria Anita Schwarz, Rio de Janeiro, 2013), Naves (2013, s.p.) sustenta que os quadros da artista “incorporam a sensualidade, sem o menor vestígio de figuração”.

entender que ele fica mais responsável pela montagem final, dados os materiais. Já Sokol tem um certo fazer manual nas obras, seja nas esculturas, nas quais ela trabalha com os materiais industriais, seja nas instalações, que ela monta efetivamente.

Quanto à relação das obras com a arquitetura ou o ambiente, há, do lado de Fajardo, uma relação profunda e estreita, enquanto, para Sokol, essa relação, em suas palavras, é a de um espaço expositivo que recebe as instalações, sem com elas estabelecer relação especial ou dialógica (ESTELA..., 2011)⁵.

A respeito das cores, há certas diferenças, já que Fajardo trabalha, nas obras da mostra, majoritariamente com cores primárias. Já a obra do MAC-USP é cinza, uma cor neutra. Por outro lado, Sokol trabalha com cores de diversas ordens, mas o que caracteriza seu uso de cores são os tons fosforescentes, ou neon, que vibram e de destacam vivamente dos ambientes em que estão. Esse uso de cores da artista é uma agudização contemporânea do uso de cores do concretismo paulista, que propugnava a escolha de cores primárias. Essa vanguarda também fomentava a interação com a indústria. É nisso que Sokol explora as cores, já que esses tons são decorrentes de processos industriais mais recentes, além de serem associados a uma certa cultura pop das últimas décadas⁶.

Quanto aos suportes, pode-se entender que, para Sokol, as fotografias de instalações site-specific são obras de arte, já que são elas que circulam no meio de arte – as instalações efêmeras na neve provavelmente foram desfeitas pela artista logo após os registros fotográficos. Isso não tira o interesse nem o mérito dessas obras, mas é diferente do que Fajardo executou na mostra na galeria, já que não havia fotografias de instalações ou esculturas, que estavam, elas mesmas, presentes e disponíveis para circular.

Considerações finais

A comparação entre as obras selecionadas de Carlos Fajardo e Estela Sokol aponta que, apesar de diversas diferenças entre os artistas, há semelhanças. Além disso, aproximar ambos os artistas permite uma leitura conjunta deles por meio do viés da tendência da abstração geométrica. Isto é, tomá-los conjuntamente facilita a visualização

5 A respeito da relação de Fajardo com a arquitetura, cf. SANDES, 2022.

6 Naves (2012) afirma que Sokol não propriamente escolhe as cores, já que se vale apenas de materiais industriais disponíveis, sem poder decidir quais os pigmentos utilizados, e que não se vale de procedimentos da pintura — não há pincelada em suas obras. Nesse mesmo sentido, Alves (2005, s.p.) pontua que “as cores são as do mostruário da fábrica de acrílico, mas as sobreposições de duas ou mais chapas as transformam, fazendo-as tender com diversas nuanças de meios tons para o marrom”.

de elementos estilísticos, formais e conceituais que possibilitam o entendimento dos artistas por meio da abstração geométrica.

Este artigo dá ensejo a novos estudos comparativos que explorem semelhanças e diferenças entre obras de artistas, sejam eles assemelhados em sua poética ou não. Essas comparações evidenciam aspectos dos artistas que, de outro modo, seguiriam despercebidos⁷.

Ademais, é necessário avançar no estudo desses dois artistas, principalmente no tocante às relações que eles estabelecem com vertentes artísticas e disciplinas do conhecimento. Suas obras dão margem a aprofundamentos em diferentes direções, já que se beneficiam de conexões variadas com a arte e com outras formas de saber. Concretamente, entre outros tópicos, é necessário aprofundar, com especial interesse, o estudo das diferentes relações desses dois artistas com o ambiente ou o espaço arquitetônico.

7 Nesse sentido, cf. SANDES, 2021, SANDES, 2022.

Referências

- ALVES, Cauê. WXRTD – 320. In: GALERIA VIRGÍLIO. *WXRTD*. São Paulo, 2005.
- BRAGA, Paula. Pedagogia formal. In: GALLERY 32. *Estela Sokol: secret forest*. Londres, 2011.
- CANTON, Katia. Heranças contemporâneas III. In: _____. *Novíssima arte brasileira: um guia de tendências*. São Paulo: Iluminuras, 2001, p. 142-155.
- ESTELA Sokol: Secret forest. *Canal Londres*, 2011. Disponível em: <<https://www.canallondres.tv/estela-sokol-secret-florest/>>. Acesso em: 11 nov. 2022.
- GOLDBERG, Sônia Salzstein. Carlos Fajardo. *Guia das Artes Plásticas*, São Paulo, 1987, n. 7, p. 68-69.
- FARIAS, Agnaldo. Carlos Fajardo. In: SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA. *Carlos Fajardo*. São Paulo, 1993, s.p.
- NAME, Daniela. A morte das ofélias. In: GALERIA ANITA SCHWARTZ. *Estela Sokol: a morte das ofélias*. Rio de Janeiro, 2011.
- NAVES, Rodrigo. Mistura e manda. GALERIA ZIPPER. *Estela Sokol: quadros e esculturas*. São Paulo, 2012.
- _____. Gelatinas e águas-vivas. In: GALERIA ANITA SCHWARTZ. *Estela Sokol: gelatina*. Rio de Janeiro, 2013.
- SALZSTEIN, Sônia. Carlos Fajardo. In: GALERIA ANDRÉ MILLAN. *Carlos Fajardo*. São Paulo, [1992], s.p.
- SALZSTEIN, Sonia. Carlos Fajardo/ um coeficiente mínimo de estilo. In: AS STUDIO. *Carlos Fajardo*. São Paulo, 1997, s.p.
- SANDES, Luis. Transparências nas obras de Carlos Fajardo, Marcius Galan e Roberto Wagner. In: *62ª Jornada da Associação Brasileira de Críticos de Arte, 2021*. Anais. 2021, p. 160-171.
- _____. A articulação da arte com a arquitetura em Carlos Fajardo, Artur Lescher, Marcius Galan e Roberto Wagner. In: *Encontro Anpap Sudeste 2022: Anais*. Rio: Editora do PPGCA- UFF, 2022, p. 185-195.
- VALLIER, Dora. *A arte abstrata*. Lisboa: Edições 70; São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- XAVIER, Henrique. *Carlos Fajardo: De soslaio*. São Paulo: Galeria Marcelo Guarnieri, 2020.

Como citar:

SANDES, Luis Fernando Silva. Arte contemporânea brasileira e Abstração Geométrica: Carlos Fajardo e Estela Sokol. *Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA*, São Paulo: CBHA, n. 42, p. 91-102, 2022 (2023). ISSN: 2236-0719.

DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.42.005>

Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>